O diário institucional nas práticas profissionais em saúde

The institutional diarie and professional practices in the health

Solange L'Abbate; Luciane Maria Pezzato; Daniel Vannucci Dóbies; Carlos Botazzo

Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal de São Paulo; Universidade de São Paulo

RESUMO:

A escrita diarista é feita diariamente, ou quase, para registrar algo de importância para quem escreve e também para possíveis leitores. No evento “O devir escrita da vida nos serviços de saúde”, em setembro de 2017 na Faculdade de Saúde Pública/USP, foi discutida a escrita do diário institucional que traz dimensões relativas ao funcionamento das instituições. Trata-se de um meio do pesquisador/a-analista institucional analisar suas implicações. A implicação, nesta oficina, foi analisada a partir das relações estabelecida pelos profissionais com suas práticas cotidianas, tendo em vista o atual contexto político do país, de fortes ataques às políticas sociais, especialmente ao SUS. A proposta deste texto é evidenciar a relevância do diário institucional nas práticas dos profissionais no SUS, a partir dos diários de seis participantes que se dispuseram compartilhar fragmentos de seus diários que serão apresentados, acompanhados das ressonâncias produzidas em sua leitura com aportes teórico-metodológicos da Análise Institucional.

Palavras-chave: diários; escrita; Análise Institucional; Serviços de Saúde; SUS

ABSTRACT:

Diaries are written daily, or almost daily, to register things that are important the one who is writing as well as to possible readers. At an event entitled “The written future of life in health services,” in September 2017, held at the Public Health College/USP, there was a discussion on writing institutional diaries which brought up dimensions related to the functioning of institutions. This was a way for institutional researchers and analysts to investigate the implications involved. At that workshop the implication was analyzed on the basis of the relationships established by professionals with their daily practices, in view of the country’s current political context, with habitual attacks on social policies, especially related to SUS. This present text is meant to show up the relevance of institutional diaries in the practices of professionals with SUS, based on the diaries of six participants who agreed to share fragments of their writings. These fragments are presented, accompanied by the resonances produced by reading them, with theoretical and methodological references to Institutional Analysis.

Key-words: diaries, writings, Institutional Analysis, health services, SUS

O diário é uma longa carta que o autor escreve a si mesmo, e o mais espantoso é que ele dá a si mesmo notícias dele próprio.
Julien Green.

Introdução

A escrita diarista pode ser feita todos os dias, ou quase todos os dias, para registrar algo de importância para quem escreve e também para possíveis leitores. O diário pode ser considerado um gênero literário ou não, pois pode ter diferentes propósitos vinculados à produção de conhecimentos, relacionados à pesquisa e à formação, como também para registrar experiências vividas, sejam elas na escola, no trabalho, ou mesmo na vida pessoal.

O pensador francês Edgar Morin, que escreve diários desde a adolescência, publicou mais de 20 livros, e entre eles, seis em forma de diário¹, pois, para ele, os diários são atemporais, e neles é possível registrar memórias, experiências vividas, reflexões, fatos simples do cotidiano, comportando desde questões corriqueiras às mais complexas. Em *Diário da Califórnia*, Morin desafia o mundo instituído da academia e traz uma escrita autobiográfica, recheada de acontecimentos ligados à vida pessoal e também ao momento histórico vivido nos EUA na década de 1960 (MORIN, 2012). Porém, houve pouca repercussão, quase nada se ouviu falar desta parte da sua obra, uma vez que não se trata exclusivamente de um diário de campo etnográfico, cujo instrumento é reconhecido e consolidado pela academia, mas sim de uma escrita que inclui relatos da vida cotidiana, reflexões filosóficas, políticas, conforme diz o autor:

Quero demonstrar que um incidente muito próximo assume uma importância desmesurada (como um ovo quente cujo cozimento passou dos três minutos e meio), e que se vive esse incidente tanto como um cidadão do mundo envolvido com todo os grandes acontecimentos planetários tanto como um indivíduo singular relacionado com a qualidade da alimentação e com os episódios da vida pessoal. (...) mostrando-me como uma pessoa comum que não esconde nenhuma de suas faltas e de seus erros. (MORIN, 2012: 13).

Tal questão reforça a pouca relevância dada aos diários pelo pensamento cientificista. Não é a proposta deste texto adentrarmos neste debate, mas sim demarcar nossa posição que corrobora a afirmação de René Lourau (2004): “o Diário de pesquisa já é a pesquisa!”.

René Lourau (1988), em sua obra *O Diário de Pesquisa*, analisa os diários de diferentes estudiosos, dentre os quais os diários secretos do antropólogo Bronislaw

Malinowski, do psicanalista Sandor Ferenczi e do filósofo Ludwig Wittgenstein, só divulgados após a morte dos seus autores. Um dos aspectos mais relevantes desta análise é o fato de que estes diários, uma vez conhecidos, não contribuíram, de modo algum, para diminuir o valor das obras de pesquisa dos seus autores; ao contrário, para Lourau, as valorizaram ainda mais. Por outro lado, os diários de André Gide e de Michel Leiris sobre suas viagens aos países da África contribuíram para denunciar o colonialismo. Nestes diversos trechos de diários, assim como no seu próprio diário publicado no final desta obra, Lourau chama a atenção para o fato de que tais escritos revelam as implicações dos autores (LOURAU, 1988).

Para a Análise Institucional é através do diário que o/a pesquisador/a-analista institucional poderá analisar suas implicações, inclusive as implicações com a pesquisa e/ou intervenção sob sua responsabilidade. A análise das implicações, além de afastar qualquer postura de neutralidade, permitirá ao pesquisador/a ter contato com as motivações que o/a levaram a realizar a pesquisa e/ou intervenção.

Encontramos diversas adjetivações para os diários: diário íntimo ou pessoal, diário de campo, diário de viagens, diário de pesquisa, diário institucional, diário de momentos, diário de formação, diário filosófico, diário cartográfico, diário de itinerância, diário de aula, diário coletivo, cada um com seus propósitos e suas características. Entendemos que a adjetivação, aqui, possui a intenção de qualificar o diário, sem querer tomar o seu lugar.

Alguns autores que têm pesquisado a articulação entre Análise Institucional e Saúde Coletiva utilizaram o diário como principal ferramenta para produção de dados. Abrahão (2004) trabalhou com diário para proporcionar um diálogo entre subjetividade e gestão em saúde no âmbito de dois hospitais, um filantrópico e outro público municipal. Pezzato (2009) utilizou o diário como ferramenta da intervenção com diferentes adjetivações: diário de pesquisa, diário institucional e diário de momentos. Nesta intervenção, quatro profissionais da rede básica experienciaram a escrita diarística com o diário institucional, trazendo suas reflexões sobre a clínica na saúde bucal. Na tese de Jesus (2012), o diário foi construído coletivamente por ele e pela equipe de profissionais de saúde mental com a qual trabalhava. Um desses profissionais apelidou este diário de “*Dom Queixote*” o que foi aceito por todos.

No ciclo de encontros “O devir escrita da vida nos serviços de saúde”, foi discutido o *diário institucional*, no qual são manifestadas as dimensões relativas ao

funcionamento das instituições², a partir de pesquisa ou de intervenção ou, como no caso dos diaristas desse ciclo, da vivência no trabalho. Entendendo que: “As instituições formam a trama social que une e atravessa os indivíduos, os quais, por meio de sua práxis, mantêm ditas instituições e criam outras novas (instituintes)” (LOURAU, 2004: 68).

O diário institucional foi proposto por Remi Hess (1988, p. 4) como “uma tentativa pedagógica para conduzir as pessoas do nível da escrita íntima ao nível da escrita pública”. Tem como proposta clarear as relações que estabelecemos com nosso trabalho, o estabelecimento ou instituições presentes:

Quando este trabalho for difundido internamente no estabelecimento, o diário tornar-se-á ferramenta de intervenção, método de análise e, talvez, de mudança no lugar onde ele é também discutido, visto, contestado [...] consiste da descrição diária, como em um diário íntimo, dos fatos organizados em torno de uma vivência em uma instituição (seu trabalho. [...] sua relação com uma pesquisa, etc.). Trata-se, não de contar tudo o que nos acontece em um dia, mas (,,) de anotar um fato marcante [...].

Como foi proposta uma escrita do cotidiano das práticas profissionais dos participantes, a produção institucional estará em pauta, pois entendemos que as práticas profissionais estão vinculadas a “processos de institucionalização relacionados com transformações sociopolíticas mais amplas, envolvendo o Estado”. Nesta perspectiva, as práticas profissionais não são analisadas em si mesmas, mas sim mergulhadas no contexto institucional que lhe dá sentido (MONCEAU, 2008).

Nesta abordagem teórico-metodológica, “implicação é a relação que indivíduos desenvolvem com a instituição”. Nós podemos dizer ainda que, “o indivíduo é tomado pela instituição, querendo ele ou não”. Portanto, trata-se de analisar como as implicações ocorrem e não se elas existem, ou, até mesmo quantificá-las (MONCEAU, 2008a: 21).

No contexto desta oficina, ressalta-se a implicação com o SUS, sobretudo com a sua defesa, tendo em vista o atual momento do país, no qual as políticas sociais, como saúde, educação, habitação e assistência, enfrentam a diminuição da sua relevância e, em consequência, da dotação de recursos. Momento ilustrado pela Emenda Constitucional 95 promulgada pelo Congresso Nacional em dezembro de 2016³, que impõe um rígido limite aos investimentos públicos na área social, seguindo uma narrativa neoliberal da emergência do contingenciamento de “gastos sociais” para a recuperação econômica do país.

Neste texto, traremos fragmentos de diários produzidos por diferentes profissionais, com diferentes modos de escrita diarística, mas que possuem em comum o registro de um cotidiano de trabalho, uma escrita diarística de práticas profissionais. Para Dias (2016:121), “cada fragmento de diário, mais do que ser um fragmento, é a expressão de uma ação que se constitui em práticas efetivas abertas às intensidades e às diferenças”

Inserido no contexto do ciclo de encontros “O devir escrita da vida nos serviços de saúde”, a partir de uma proposta de exercitar a escrita diarística, este texto se propõe apresentar uma restituição escrita do que os seis participantes produziram. Sem nos preocuparmos com qualquer tipo de censura academicista, trazemos as ressonâncias provocadas no momento das leituras e releituras destes fragmentos de diários. Que dizem do que não pode ser dito, do que tentamos nos (des)amarrar, solitários e juntos com os outros de nós no que escrevemos, que poderíamos escrever de outras formas, como nos diz Deleuze (2011: 11): “(...) escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”.

Que corre riscos, que faz eco, que arrisca um sentido, que inventa histórias, escritas. Como trazer o vivido da experiência na escrita? Temos alguns exercícios desta experimentação que, além das escritas diaristas dos profissionais, incluem o olhar analítico dos/as autores deste texto que exercitaram uma escrita implicada.

A escrita dos seis diaristas e as ressonâncias provocadas

Segunda-feira: um gesto rastreado

Segunda-feira, dia de muitos encontros. Viajo de São Paulo a Santos de carona com um amigo cedo da manhã. Preparo-me para a maratona de trabalhos: participação em banca de TCC, reunião com grupo de pesquisa, reunião com o grupo de trabalho de um PET vinculado à seis cursos de graduação de duas instituições de ensino.

Nos entremeios, entretempos, surge um mundo de conversações, narrativas, definições e trocas com amigos, colegas, alunos.

O “tempo todo” o corpo é passagem, é afeto enquanto varia, é afeto em composições e decomposições diversas.

O território geográfico se modifica: sair de São Paulo, “atravessar” a serra, os morros, a neblina. “Encontrar” Santos – usinas, favelas no morro e a universidade inserida em uma região de cortiços, em uma região considerada de ‘vulnerabilidade social’. Os corpos passantes por este espaço se misturam.

Na universidade em questão são recebidos preceptores de diferentes serviços de saúde do município de Santos e de outros municípios para as reuniões do Projeto PET Gradua SUS do qual sou tutora pelo curso de Psicologia.

O encontro com preceptores, tutores e alunos bolsistas, do grupo PET do qual participo aconteceria à noite e seria a última atividade do dia.

Meu corpo já marcado por muitas conversações, debates, arguições e análises colocava-se em uma nova condição de participar deste grupo que havia recentemente se reconfigurado: algumas pessoas saíram do grupo, outras entraram.

É interessante o movimento de ir para um encontro que parece “familiar”, quando ele é inicialmente estrangeiro na medida em que algumas pessoas se conhecem e começam a conversar naquele momento.

Adentrando esta novidade do estrangeiro, rapidamente um acontecimento desperta-me uma memória alegre. Uma das preceptoras de um dos serviços que acompanhamos e que representava para o grupo uma grande parceria, pois havia mantido um bom vínculo com todos, havia saído do projeto e outra preceptora ocupará seu lugar.

Quando soube desta troca, inicialmente lamentei, pois suspeitava termos perdido uma grande interlocutora no trabalho. No entanto, num mesmo movimento fui surpreendida por uma sensação de alegria, quando a nova preceptora começou a se apresentar e discutir os temas da reunião.

O que me chamava a atenção era a similaridade entre as duas preceptoras, no que se refere aos gestos, ao ritmo da fala, ao modo de se expressar.

Esta preceptora se parecia muito com a preceptora anterior e cheguei a pensar que haveria ali um corpo marcado por certo ritmo próprio ao processo de trabalho, pelo território, pelo fazer cotidiano que lhes era comum.

O que me assustou foi o fato de ter ficado fixada no gesto da nova preceptora que se perpetuava e não conseguir ver a variação e a diferença entre as duas. Será que era uma similaridade que eu estava procurando? Ou eram estes os signos que mais me marcavam neste encontro de trabalho e para os quais eu concentrava mais minha atenção?

Parecia ser um mesmo gesto em corpos distintos. Mas não há como ser o MESMO...

O que importa é que UM GESTO permaneceu na lembrança.

Talvez eu tenha acessado algo de semelhante de já sabido e, talvez, eu tenha acessado uma variação que permitisse entrar em encontro com a nova preceptora.

Há um “conhecido” que autoriza a diferença; um gesto disparador que ativa uma memória, que rastreia um território.

O gesto de um corpo parece trazer consigo um mapa de afetos e trajetos de uma experiência de trabalho.

Numa segunda-feira reencontrei muitas temporalidades vividas...

Uma narrativa escrita que traz um cotidiano, com um fio que tece o “corpo que é passagem”, que atravessa a serra, que encontra outros corpos, da diarista.

Um convite para uma conversa sobre lembranças, ou seria sobre sua memória e a substância social que ela contém? Pois, segundo Ecléa Bosi, “para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas,

pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado” (BOSI, 1979: 335)

A diarista sai de casa sem saber muito bem o que poderia acontecer naquele dia. Muitas atividades para cumprir num só dia, uma “maratona” de trabalho-experiência-afetos. Porém, múltiplos encontros, conversas, irão deixar marcas neste corpo, *que é passagem*. Universidade, serviços de saúde, projetos institucionais, profissionais, práticas, experiências, corpos que se encontram, também com a pobreza e suas desigualdades.

Uma lembrança a salvou. Corpos distintos que se misturam, marcando a memória e as lembranças do vivido, do (des)conhecido, de uma experiência que a tocou, deixando marcas, se deixando ser afetada. “Assim como é uma escolha na esfera pessoal o lugar e o tamanho que cada um dá a uma determinada experiência (...) escolher o que lembrar e o que esquecer é também um ato de amor. E nunca é um ato fácil, como não é fácil o amor” (BRUM, 2012).

O carro - a carta de Aires

Sexta-feira, 31 de março de 2017

E se eu tivesse que dar um nome pra esse dia, eu chamaria de O CARRO – A CARTA DE AIRES. Eu saí de casa a tempo, caminhei até a estação do trem, descii na estação S.⁴, mais uma pernada de 15 minutos até o núcleo de projetos. Percurso feito diariamente, cheguei no portão e ao subir a íngreme rampa vi que a Kombi ainda não estava posta do lado de fora. A história da Kombi é um capítulo complexo a parte, que foi construída coletivamente através da venda de muitos nhoques no dia 29 do mês pela Raps da cidade, de ação entre amigos de uma Smart TV e de uma entidade estudantil que através de um edital da Ford Foundation destinou parte da verba na complementação de um montante que já tínhamos arrecadado... e a gente que pensava que a parceria virou dissolução, aproveitamento, rasteira marqueteira das grossas. Por Aires, esse deus da Guerra que eu tento guardar a língua pra não expurgar o ódio que sinto ainda hoje... é que uma história vai puxando a outra quando a gente de verdade está mergulhado na questão... eu tento escrever pra lembrar pra lembrar tudo isso pra ao menos garantir um mínimo da memória do acontecido, mas sei que a imaginação vai dar conta de suprir uma parte do relato... enfim, volto ao ponto. A Kombi não estava ainda parada fora da garagem.

Nenhum produto das 9 oficinas terapêuticas (e também empreendimentos econômicos solidários) ainda estava guardado dentro dela, nem as duas barracas da feira de artesanato (alimentação 2x2 m, artesanatos 2x1 m). A Kombi ainda vazia, guardada na garagem, esperando ser acionada para levar os empreendedores e seus produtos para a praça matriz da cidade. A feira de sexta fora um sonho de muitos tempos, a praça central nos recebeu como conquista de espaço para comercialização, esse o grande gargalo da economia solidária. Depois de um tempo de muita perseverança de um grupo de usuários trabalhadores que toparam o desafio cansativo

de frequentar reuniões da Ecosol, onde as construções coletivas por mais belas que possam parecer aos olhos de fora, carregam em seu interior muitos jogos de interesses, e onde muitas vezes os usuários trabalhadores ficavam à deriva, de fora, participando de um modo desigual das decisões... a gente migrou de lá, fomos tentar a sorte nas feiras ligadas à cultura.

O desafio ampliado da clínica aberta, de todas as sextas-feiras ocupar esse lugar de venda, de feira, de trampo, em dias de sol, em dias de chuva, em dias de muita ou pouca grana, lá estávamos vendendo nossos produtos. Talvez a feira não venda tanto assim, é verdade. E a gente no quebrar e frigar dos ovos tenha que se questionar a relação custo x benefício dessas gerações de renda, produções de saúde e corpos/identidades outros... em negócios isso tem proceder? Ou falta a gente melhor estudar qual o público do local/ qual sua demanda de consumo? Seus interesses? Mas isso é clínica ou economia? “Econoclínica ampliada”, saúde financeira pra geral... se falta no bolso afeta a cachola, num tem como ser diferente. Vai vendo onde esse carro nos leva em movimento. Vai saber se as vendas ali não aconteciam por conta da CRISE, essa palavra cabeluda que a MENTAL conhece em parte... tempo da grana curta... atravessamentos possíveis. Ou era falta de carisma dos vendedores? Ou produtos de qualidade de acabamento duvidosos feios e belos ao mesmo tempo? ESTÉTICA-ÉTICA-ENGENHARIA GAMBIARRA.

Não é uma banca como outra qualquer. É muito mais do que isso, é isso e muito mais. É um lugar na cidade que oficialmente oferece produtos feitos por pessoas que querem reaver seu lugar de pertencimento depois de passar por uma experiência-sofrimento avassaladora que carrega mundos/fundos/identidades/saúdes/forças... a Kombi não estava para fora.

Eu subi a ladeira pensando isso, o que aconteceu que nada está pronto? Chego e meu xará tenta colocar o carro para funcionar. Eu lembro de umas semana atrás os neuróticos de plantão, questionando as porcentagens dadas em cada venda, exigindo clareza das contas, reclamando como de costume, articulando entre si coisas não ditas na cara porque a índole era sempre de evitar o confronto em favor da clausura de viver seus modos mal ditos. Daí é sempre um estranhamento, com os rasgos feitos pelo modo esquivo das outras partes. E quando um esquivo tentava entrar na estrutura do grupo era repellido em falsos sorrisos, não participando das coisas por quererem exclusividade...

A Kombi não ligava, tentamos empurrar, descendo a rampa veio em direção ao muro da vizinha, fiquei atrás para tentar segurar... o peso era muito, era um esforço diário de tentar operar um modo de auto-gestão das oficinas, dos empreendimentos, da equipe, da protooperativa, da lei que não está regulamentada, de uma série de gambiarras que a gente faz por invencionice da ampliação dos territórios existenciais daqueles que acompanhamos. Eu quis tentar segurar e ao mesmo tempo mover a Kombi. Estirei grave minha batata da perna esquerda. Naquele exato momento eu percebi que tanto esforço não valia mais a força. Estranho como o destino vai nos apresentando suas cartas, a do carro foi a que eu tirei naquele dia. Ali naquele instante eu tive a consciência que eu já tinha feito minha parte, ali minha força física me apontava em novas conduções para a vida, eu rumava para um ciclo de finalizações.

O diarista escreve de modo singular, com gírias, neologismos e caixa alta, provoca dúvidas e inquietações no leitor que tem pouco contato com sua área de trabalho. Mas o diário tem como primeiro leitor o próprio diarista, e sua leitura tem um

potencial de causar questionamentos em si. As palavras no diário revelam muito do seu escritor e quanto menor a censura linguística, maior a oportunidade de o diarista poder se reconhecer e inquietar-se consigo.

A precariedade misturada à irritação-frustração acompanham a narrativa da sua jornada. Tanto trabalho para alcançar as conquistas - kombi, lugar na feira, participação dos usuários em reuniões da economia solidária - é frustrada pela baixa sustentabilidade financeira, política e organizacional. Situação crítica em tendência de aprofundamento pelos seguidos anúncios de cortes orçamentários nas políticas sociais, guiados de uma narrativa de crise econômica predominante entre os atuais governantes.

O trabalho é uma dimensão destacada no cuidado psicossocial em meio comunitário, pois amplia a rede social dos usuários, possibilita um novo lugar nas relações sociais e gera renda. Entretanto, é frágil a destinação de recursos financeiros para projetos voltados à geração de trabalho e renda para os usuários de saúde mental e tais projetos estão longe de serem prioridades na área da saúde e sequer na saúde mental.

Ilustrados num dia de trabalho, a irritação, a frustração e um acidente criam barreiras ao pensamento de transformações e contribuem para o discurso de “finalizações”. A luta parece ter chegado ao fim. Por um lado, podemos lamentar que as forças de luta se esgotem e que um trabalhador não consiga elaborar novas estratégias de resistência. Por outro lado, avistar a finitude de uma atividade que está penosa, liberta o profissional para outras aventuras, para outras formas de exercer sua prática e sua luta. Guattari, em entrevista para Kuniichi Uno (UNO, 2016), ressalta o quanto concepções e máquinas marcadas pela finitude ampliam o horizonte transformador. Tal finitude pode, nesse sentido, alertar sobre a necessidade de mudanças de direção de suas ações, ou produzir “novas conduções para a vida”, como vislumbra o diarista.

Fragmentos do vidro quebrado

Setembro de 2017

É sexta feira, e o peso dos acontecimentos da semana aparecem no corpo que já se diz cansado.

Na última quarta feira eu havia feito a conversa com ele para finalização da proposta de cuidado em hospitalidade noturna, tinha sido difícil, pois ele queria mais tempo, dizia estar em risco no território, dizia do não querer e do não poder voltar para sua casa. Saiu do atendimento dizendo não ter negociação ou possibilidades de construção de outra proposta para a continuidade do tratamento. Já nos conhecemos há 5 anos, durante esse tempo a relação de referência para o cuidado foi construída e

diversos eventos a permearam. Já não era tão fácil responder às suas demandas, ao jeito intempestivo, a pouco escuta, ao tom de voz que aumenta durante os diálogos, à disputa por atenção e exclusividade para o cuidado, a perda do controle, à violência.

Naquele dia, naquela quarta, ele saiu da sala sem que tivéssemos um combinado que respondesse às suas demandas e às nossas possibilidades de oferta enquanto serviço e equipe.

É sexta feira e por vezes nós da equipe fazemos um almoço coletivo, sugeri que fizéssemos o tradicional pé de galinha com polenta da S., combinamos, então, como faríamos, juntamos o dinheiro para comprar os ingredientes e seguimos nas nossas atividades no CAPS. Fiz atendimentos, participei da Assembleia, fui para a reunião de equipe.

Enquanto o almoço dos usuários era servido, o cheiro do tempero do nosso almoço preenchia os espaços do serviço, muita fome ... Quando a comida ficou pronta, estávamos ali para nos servir, embriagados pelo aroma, olhos despertos e contentes, boca salivando. Não eram todos os profissionais da equipe que estavam ali, mas os que quiseram partilhar do almoço. Estávamos em torno de cinco profissionais sentados à mesa, nos deliciando com aquela comida tão saborosa.

Eu estava sentada entre duas colegas, de costas para a porta de entrada da cozinha, de frente para outro colega e para a janela onde fica o marmiteiro. Conversávamos, ríamos e comíamos. A porta abre, ele não entra, só diz: “I., você tem cinco minutos” e fecha a porta.

Uma mistura de sentimentos nesse momento, lembranças de outros acontecimentos com ele emergem, aquela sensação de que as coisas não seguiriam tranquilamente. Respiro fundo e digo para meus colegas que não sairia da cozinha naquele momento, era o meu horário de almoço. Continuo comendo, mas o sabor da comida mudou, já não é possível saborear como há pouco estava fazendo. Uma tensão se instalou, algumas falas são trocadas. Quando ouvimos um estrondo, e num impulso levanto, levantamos e vamos até o hall que leva à sala, à escada, ao posto de enfermagem, ao espaço aberto.

Ele está furioso, com um pau na mão, dizendo que iria quebrar as coisas, dizendo a mim: “olha o que você fez comigo”. Vou até ele, tentando conversar, dizendo da não necessidade em quebrar as coisas, tiro o pau da mão dele e entrego a um colega, tento convencê-lo a ir para casa, a retornar quando o efeito do álcool consumido já não impedisse o diálogo. Está enfurecido, seu olhar, mais que as palavras e xingamentos, dizem de uma raiva muito grande. Mantém a ameaça de quebrar as coisas por não ter o cuidado que precisa, digo que dessa forma, na ameaça, na violência, não há cuidado possível. Ele insiste só haver esta forma para que seja ouvido e o cuidado seja feito. Pede para que não coloquemos a mão nele, respeitamos e nesse momento sinto como se só estivéssemos eu e ele ali, diante um do outro. Ele estava com muita raiva, queria que vissemos ela, pegou a lixeira, que ficava embaixo da janela, mantém o olhar para mim, cheguei a pensar que ele me agrediria fisicamente, esse pensamento era novo, não tinha sentido isso antes, a raiva estava direcionada a mim. Em outras situações eu fui o refúgio, a mediadora, não o alvo.

Ele faz uma pausa.

Ele nos olha.

Olha nos meus olhos.

Joga a lixeira no vidro da janela, que estilhaça.

Não tenho registrado em minha memória como se deram as coisas na sequência, tenho flashes, é como se tivesse havido uma pausa no acontecimento. O vi saindo, indo em direção à escada com algumas pessoas da equipe por perto, o

segurança. Numa fração de segundos, escutamos o portão batendo, o que nos dizia que ele tinha ido embora. Enfurecido.

Continuei tentando processar o que eu senti, voltei para a cozinha, tentei terminar a comida que no prato esfriava, não dava mais, não descia, estava nauseada. Não sabia ao certo o que estava sentindo, o que senti, era nova aquela cena, era novo aquilo na nossa relação. Senti algo que não havia sentido antes. Ao mesmo tempo, algo me dizia de um progresso, ele quebrou o vidro, não machucou ninguém, foi uma escolha, foi um jeito de aliviar a raiva, foi uma estratégia. Sinto que algo quebrou em mim. Vou para a reunião que teríamos na sequência, espaço em que poderíamos elaborar um pouco do que aconteceu. Conversamos um pouco na mini equipe, não estava fácil nomear o acontecimento, os sentimentos, a experiência vivida. Era sexta feira e logo eu já iria para casa. Alguns dias passaram, para eu conseguir nomear o que senti ... senti medo ... senti que algo mudou.

Um diário, uma sexta feira, um CAPS. Um dia habitual de almoço coletivo entre os colegas de trabalho acaba por trazer à tona situações com as quais nem sempre nos sentimos preparados para lidar em nosso cotidiano. Violências. Fragmentos do vidro quebrado. Um desafio para os profissionais mediarem junto aos usuários. Uma demanda de cuidados de saúde, de assistência social e, por vezes, de segurança e de justiça. A hospitalidade noturna, nesse sentido, ganha muitos significados. A crise dos usuários mistura-se aos riscos no território, à vida imersa em violência e uso de bebida alcoólica. A alta violência fica explícita nesses casos e nos ambientes, inclusive de saúde, por onde eles circulam. A insegurança sentida pelo usuário em viver no seu território denota os perigos na nossa sociedade, que não promove investimentos sociais necessários nem alternativas seguras aos que se sentem ameaçados.

Há muitas violências, seja nas ameaças com pau e quebra de vidro, seja pelo imediatismo que não respeita o horário de almoço, seja nos sentimentos aflorados de medo e rejeição. Entretanto, emerge a potência do manejo terapêutico pelo vínculo. O que mais explicaria o recuo de um homem enfurecido com um pau na mão? Ainda que tenha esbravejado, quebrado vidro, batido o portão, ele entregou o pedaço de pau e acatou a sinalização feita pela profissional de não ser possível o cuidado em meio às ameaças.

Os efeitos sentidos em sua memória e no corpo demonstram o quanto a construção de vínculo, descrita por Merhy (2000) como uma tecnologia leve, pode provocar marcas profundas na subjetivação dos envolvidos, que se transforma ao longo dos encontros e acontecimentos. O diário, nesse caso, possibilitou registrar as marcas produzidas pelos afetos e refletir com as situações cotidianas, trazendo seus limites e potências.

Como aconteceu no caso do diário do *Dom Queixote*, citado anteriormente, que questionou o papel apropriado da convivência e buscou superar os protocolos, as técnicas prescritas, traz-se aqui a clínica para o centro do cuidado, em que as demandas dos/as usuário/as são consideradas e tornam-se “chaves para um cotidiano institucional potencialmente mais saudável” (JESUS; PEZZATO; ABRAHÃO, 2013: 232).

Tratar ou cuidar ?

Recém formada, aprimoranda em fisioterapia cardiorrespiratória no departamento de cirurgia do Tórax - hoje, até o nome do departamento me parece estranho - o lugar era o HC [de uma cidade do interior de São Paulo]. O ambiente era insuportável, todos os trabalhadores eram infelizes e mal humorados, meus melhores momentos eram no encontro com os pacientes, a ironia é que eles eram bastante adoecidos e em muito sofrimento, eram da cirurgia cardíaca naquele andar, nono andar, enfermaria masculina.

O Sr. D. era uma pessoa muito difícil no trato, muito mal-humorado, chato, passou por incontáveis internações desde fevereiro – já era novembro – ele estava com o peito aberto (ou tórax) devido à infecção. Naquele momento, ele foi internado por uma médica cirurgiã da equipe, acredito que naquela semana tenha havido alguma briga entre os cirurgiões, porque não queriam discutir o caso dele na passagem de casos à beira leito. Eu sabia o porque ele estava internado, ele não. Ele se negava a fazer fisioterapia muitas vezes, me tratava mal, falava que só queria morrer em paz. Teve um dia que perdi minha paciência, ele foi muito grosso, e eu estava muito cansada e desgastada, odiava aquele hospital e tinha que fazer plantões de fim de semana, às vezes ficava 12 horas no hospital, tinha muito trabalho, e depois era necessário estudar quando chegava em casa, com qual ânimo;

Em um certo dia, não lembro em qual momento do dia, a esposa dele veio me chamar no corredor, desesperada, eu tinha acabado de chegar. Ela me pedia ajuda, porque não sabia o que fazer, o D. queria ir embora e não desistia da idéia. A enfermagem havia falado que ele teria que assinar o termo se responsabilizando. Eu não via ninguém mobilizado, parecia um dia normal para os outros trabalhadores, parecia que nada acontecia. Eu olhei com muito estranhamento aquilo, tinha um paciente da cirurgia cardíaca, com o peito aberto, literalmente, que precisava fazer tratamento com antibiótico e fazer cirurgia, prestes a ir embora e ninguém se mobilizou nem para escutar ele e a esposa. Pensei na época, não sou psicóloga, nem médica, mas acho que posso ir conversar com ele.

Fui conversar, a princípio ele estava muito bravo e irredutível, disse que ia embora e nem adiantava eu tentar convencê-lo de não ir, e ele disse que não iria ficar mais naquele hospital, e que nem sabia o que estava fazendo lá, e queria ir para casa, para morrer em paz. Eu falei para ele que ele até poderia ir para casa, mas que achava que ele não morreria tão já, que desde fevereiro eu ouvia ele falando que ia morrer e que já era novembro e ele ainda estava vivo, porque depois da cirurgia o coração ficou bom, e que iria sofrer muito em casa antes de morrer, porque eu imaginava que o peito aberto devia causar bastante desconforto e sofrimento. Falei que seria melhor, talvez, suportar ficar mais algum tempo lá no hospital para resolver logo o problema, e voltar para casa com menos desconfortos. Expliquei que ele estava internado para tomar antibióticos e depois fariam uma cirurgia para fechar o peito dele.

Em algum momento da conversa ele começou a chorar e a esposa também, ele disse que estava sendo muito difícil mesmo, e que ficar lá sem saber o porque estava lá, era mais difícil ainda. E que ele queria mesmo era estar na casa dele.

Antes de falar do tratamento eu refleti sobre as orientações que as minhas supervisoras do aprimoramento falavam, de que eu não poderia falar para os pacientes sobre o quadro clínico deles e nem sobre a conduta médica, que isso era anti-ético, não discordo disso... Mas naquele momento, achei que seria mais anti-ético eu ignorar tudo o que eu sabia sobre o tratamento dele e simplesmente permitir que ele fosse embora sem nenhuma tentativa de cuidado.

Ele optou por ficar, e conheci outro D., pelo menos comigo. Divertido, bem-humorado, brincalhão e disposto. Disposto a melhorar, com desejos e fazendo planos, com uma história de vida que passei a conhecer. Uma pessoa sorridente.

Esse caso me faz refletir até hoje de como nos encontramos com os usuários, de como me encontro com as pessoas de quem eu estou cuidando. O que mobilizo nelas a partir dos nossos encontros, mas também do que mobilizam em mim. Mas principalmente, esse caso me faz pensar na profissional de saúde que eu fiquei feliz em ser, e do modelo de profissional de saúde que eu não gostaria de me tornar um dia.

Também me faz refletir sobre o que meus professores e supervisores sempre me falaram, que eu tinha que ter um distanciamento emocional seguro dos pacientes, isso nunca fez sentido nenhum para mim, sempre me vinculei com os usuários e sempre fui afetada por eles, e nunca achei isso ruim e nem prejudicial, pelo contrário, nunca consegui experimentar isso de “distanciamento emocional dos paciente”, na realidade, agora refletindo, desde que eu passei a me encontrar com os usuários, eu nunca entendi bem como seria isso, como que os outros profissionais conseguem colocar isso em prática e não se afetar pelas pessoas.

Sempre penso que falta de ética é não estar disposto a cuidar das pessoas quando se está em uma relação de profissional de saúde e “paciente”.

Agora, para concluir, voltando ao D., lembro da sensação de ver ele indo embora, depois de receber alta. Estava com o tórax costurado e feliz, sorridente, me deu um abraço e me agradeceu, fiquei muito feliz naquele momento.

A diarista escreve sobre deslocamentos importantes para se tornar a profissional que gostaria, com o usuário no centro das decisões sobre suas ações de cuidado. Desloca-se quanto aos limites instituídos de cada categoria profissional que determina qual profissional deve se dedicar à escuta qualificada do usuário ou quem pode falar sobre o quadro e os procedimentos clínicos. Desloca-se também do lugar de aluna, do não-saber, frente às orientações dos professores e supervisores para assumir os riscos de construir a singularidade profissional. Construir uma clínica implicada com o sujeito e problematizar o lugar instituído do saber acadêmico faz-se presente em suas ações, em seu corpo. Corpo jovem, inquieto com a vida como ela é, cheia de descobertas para quem se coloca e se deixa tocar pelos afetos produzidos no encontro com o outro, no caso o Sr. D.

Essa circulação entre as instituições é um efeito de análise de implicação, na qual o sujeito questiona como as instituições estão atravessando e, por vezes, determinando as suas práticas. Pode dialogar com as instituições ao invés de reproduzir suas normativas, pois, como afirma Lourau (2004a), as instituições são normas, mas incluem a maneira como os indivíduos concordam ou não em participar dessas mesmas normas.

Vivência do Olhar

Era quarta feira, saí de casa com uma motivação a mais por ser dia de pilates depois do trabalho. Na bolsa, além da carteira, celular, crachá, chaves, álcool gel, também tinha a calça legging bem colorida, o crocs rosa e a blusa azul de plush que abotoada, cobria até o pescoço, chegando apoiar o queixo.

Apesar do dia nublado, a ambiência foi bem movimentada, os usuários todos estavam lá, teve almoço, consultas, medicação injetável etc. Próximo das 17h, S., técnica de enfermagem, me avisa que os insumos para coleta de material para exames laboratoriais não são suficiente para a coleta do dia seguinte. A S. geralmente traz o problema com parte já resolvida, tem uma visão de águia e nesse dia não foi diferente, ela também me avisou que já havia ligado na UBS que fica aberta até às 21h e acordou um empréstimo de material a ser pego com a enfermeira responsável pela unidade, já que da janela do meu quarto, vejo o telhado da UBS, tamanha é a proximidade dessa UBS com a minha casa.

Às 17h com o cartão de ponto apitando ao receber minha digital na saída do expediente do CAPS II, as roupas confortáveis dão lugar ao jeans e sapatos do dia da minha ambiência, grupo de observação e dispensação de medicação. Respiro profundamente, inspiro pelo nariz, enchendo os pulmões e contraindo o abdômen, espirro soltando todo o ar pela boca, coluna ereta, relaxamento do corpo e da mente. A hora pareceu passar tão rápido, a sessão de pilates voou, tive a impressão que durou menos que 60 minutos. Ao sair, me olho no espelho.

Já escuro e frio, descendo a avenida I, quase me esqueço da encomenda do material, chego a ver as luzes acesas no meu condomínio, mas ligo em casa e aviso que que irei atrasar.

Chego na UBS. Vazia. Me deparo com a recepção fria, de paredes branca e verde lavanda, um silêncio que se quebrava com o barulho das teclas de dois computadores que pareciam operar sozinhos ou à voz do jornalista da TV que também trazia as notícias do dia para o vazio. Não tinha espelho.

Fui direto nas funcionárias atrás do balcão e aquela expectativa que eu tinha de falar com minha colega enfermeira que já havia falado inclusive com a S., se desmoronou em poucos segundos, pois as duas funcionárias continuavam a digitar e em nenhum momento me dirigiram o olhar. Solicitei a enfermeira responsável pelo serviço, ambas continuaram a digitar e me pareceu que até mais rápido quando eu me aproximei. Uma delas sem parar a digitação, me pediu o cartão SUS. Surpresa, perguntei para quê, ela precisava do meu cartão.

Sem me olhar, ainda mantendo a digitação que nesse momento passou a me incomodar, a funcionária me devolveu outra pergunta; Você não quer falar com a enfermeira?

Nesse momento senti que ser eu, não bastava, tinha que ter um título, chamar atenção. Aí eu disse; Sou J. enfermeira do CAPS IJ e tenho um material separado para pegar com a Enfermeira C. que já está me aguardando.

Também muito surpresas e com ar de constrangidas, as duas funcionárias, pela primeira vez desde que eu havia entrado na unidade, pararam imediatamente a digitação se entre olharam e depois me olharam, de cima a baixo, me olharam.

Me viram magra, negra, com roupas coloridas, meias pretas e sapatos rosa bem escuro que não combinavam com a calça legging, cabelo desarrumado e blusa azul que abotoava escondendo o pescoço até apoiar o queixo. Provavelmente me sentiram fedida e me viram suada, suja do dia todo e da hora rápida da aula pilates.

Não me viram enfermeira, embora tenham exigido o título com a postura de evitar o olhar, me viram usuária daquele território de vulnerabilidades, de violência, exploração, traficância, de submoradia e violação de direitos, onde a maioria dos usuários são negros, magricelos de tanto crack, privação e exploração.

Chegando em casa, olho no espelho e me vejo. E desejo ver e ouvir, desejo fortalecer o olhar e me comunicar com e através do olhar. Do olhar que acolhe e que te permite entrar, viver e pertencer

A diarista apresenta as diversas implicações de uma profissional de saúde - mulher, negra, enfermeira, praticante de pilates etc. -, atualizadas pelo estranhamento causado em si depois da sua ida ao Centro de Saúde “descaracterizada” de enfermeira. Analisa o quanto foi difícil ser reconhecida como enfermeira, sendo confundida como uma usuária. Em um ambiente frio em que não se trocam olhares, a recepção fica profundamente comprometida e o acolhimento, impossível. A enfermeira, com marcadores sociais de usuário, sentiu na pele, por um breve instante, como é estar no lugar do outro, de um usuário daquele serviço que parecia não merecer uma atenção, um olhar. O que recebeu foi um tratamento mecânico naturalizado-banalizado, distante e frio. Próprio para as pessoas que têm a pele da mesma cor da sua.

O diário auxiliou num olhar, lançado sobre si e sobre as relações que se passam no cotidiano de um dia de trabalho, a uma compreensão mais sensível do que ocorria naquele espaço de trabalho. A escrita trouxe um deslocamento, uma experiência a partir do olhar de um usuário, que permitiu o contato com preconceitos raciais e em relação aos usuários de crack, que muitas vezes permanecem velados e/ou são banalizados, mas estão presentes na sociedade e seguramente são reproduzidos nos serviços de saúde.

Uma escrita sobre o que nos acontece pode criar oportunidades para organizar as ideias e percepções e nos fazer entrar em contato com nossas fragilidades, nossos limites, “como uma experiência modificadora de si (...)” (DIAS, 2016: 115).

Como ocorreu na experiência relatada por Pezzato e L'Abbate, (2011: 1304):

(...) a diarista se colocou no lugar do outro, propuseram-se a exercitar a linguagem escrita, expondo-se em suas fragilidades profissionais-sociais-culturais-políticas-libidinais, ou seja, analisando as diversas dimensões de sua implicação no exercício profissional. Foram momentos que permitiram a cada um “parar para pensar” sobre a produção do cuidado em saúde.

Sobre um caso, CAPSi

Protocolos, técnica. E os sentimentos? Sempre estiveram aqui. Sempre acreditei que pudesse prestar um atendimento mais humanizado. Mas não se envolva, M. – todos dizem. Eu sei que os sentimentos podem fazer de mim uma profissional mais vulnerável. Mas, a despeito disso, tenho me visto mais forte quando lido com eles. Fazem parte do meu crescimento pessoal e profissional. Me aceito, enfim.

Um belo dia, indo para o CAPS: entro no ônibus. No fone de ouvido a música “A Banda” do Chico Buarque. “Estava à toa na vida, e meu amor me chamou pra ver a banda passar, cantando coisas de amor...” estava mesmo, sem emprego, pulando de drogaria em drogaria. Chego no CAPS, era dia de festa.

S., 14 anos, esquizofrênica, vários medicamentos. O olhar vago, passa por mim e não me vê. Com semblante enevoado e sério, ela fica ali, estática na porta da farmácia. Separo os medicamentos em saquinhos de pipoca por horário. O que faço eu? Pra que estou aqui? Qual meu papel na equipe? Dispensio as medicações para mãe da S. A festa começa, formamos uma quadrilha improvisada “e a meninada toda se assanhou, pra ver a banda passar, cantando coisas de amor”. Meu par? S. Dançamos juntas. S. pula, dança e ri. Por um instante S. parece despedir-se da dor. “Mas para meu desencanto, o que era doce acabou; tudo tomou seu lugar, depois que a banda passou.”

A cena me toca. Meus questionamentos quanto ao posicionamento de um farmacêutico numa equipe de CAPS se ampliam e me dou conta de que antes de ser uma profissional, sou humana. Gente cuidando de gente. Não, não é só cortar comprimidos. Integro-me à equipe, enfim.

Meses mais tarde, surge a oficina de Literatura. Sempre tive dificuldades em expressar minha opinião e meus sentimentos. Minha garganta, que vivia fechada, que o diga: as amígdalas tiveram que sair numa cirurgia no auge dos meus 28 anos. Participando da oficina, aproveito pra digerir o que não consigo dizer, me trato também e solto no papel o que fica engasgado, sem me preocupar com a gramática. Tenho me conhecido nos versos desde então:

Isso

Eu e tu

Eu e isso

Tu e eu

Tu e isso.

Isso, aquilo, o que não fala. Objeto.

Objeto mudo, calado, entorpecido.

Aquilo que fica esquecido, escondido.

Dá uns comprimidinhos,

Faz de nós passivos.

Massivos, estátuas.

Quem sabe assim esqueceremos dessa loucura tão lúcida.

(08/04/17 – sobre o uso excessivo de medicamentos)

Revolta

Será que o que dá sentido é a dor?

Dor e Amor. Existem só dois caminhos? Maniqueísta, rotulista. Máquina de etiquetar, julgar.

Quem somos, afinal?

Fruto das nossas escolhas?

E quando não as temos?

Sempre temos? Preços nos braços do menino. Trabalho infantil. Lutas com espeto de churrasco. Afinal, cada um luta como pode. O companheiro com faca fere a mãe e ele com espetos de palito. O pequeno cresce como? Largado na rua desde tão cedo, escolhe como? 3,80..

4,20..

O preço no braço; moeda de troca. Quanto vale a sua ingenuidade, vida, preço.

Sexualidade aflorada. Infância negada. Ele é meu dono. Quem? Mas péra, quem sofreu antes? O q cresce assim, qual parâmetro de amor? O ciclo de violência recomeça?

Me deixa, me deixa xingar.. pqp, q merda.

(24/04/17- durante uma reunião de equipe, Capsi)

Sobre parafusos

Mesmo que me digam que meu trabalho é só apertar parafusos, sigo, teimosa, humana que sou. O quanto posso, me dou. Se eu me limitar nos parafusos, parafusada estou.

(04/05/17 – quando me disseram que eu deveria ficar só na farmácia)

Naturalismo

Eis a expressão do naturalismo estampado na cara. Assim, natural, olhando pra vc.

Fugindo com os olhos. Olha. Não, pera.. não olha! Não quero olhar. Olhar de quem já sabe da missa a reza toda. De quem já viveu sem nem saber o que é viver. Romances, oi? Faça-me o favor de me comer em troca de 5 moedas. Antes reais, mas o que é real? Fuga. Fugitiva do lar. Que lar? Fugitiva da vida: melhor o imaginário. Lamber o quê? Antes o chão que você. Flor da pele. Deixa entrar, aspirar o pó pelas narinas, sentir o fugaz calor da vida. É isso? É isso! Fuga, fuge, fode, enquanto pode. Suja. Que sujeira nessa mesa. Limpa em volta, mas deixa os cantos assim: sujos, esquecidos, assim como um dia foi a vitória na vida.

MAE

Assina pra mim, por favor? Pode sim ser só um visto. Pode ser só as letras que você sabe. Aceito sim só as iniciais.

M

A

E

Ela desenhou.

A filha mais velha veio outro dia: "minha mãe é ignorante, vc sabe, minha mãe me bate com cabo de vassoura! Minha mãe me denunciou na polícia".

Minha mãe, minha mãe, minha mãe... Eu, eu, eu. Quem fala? Quem ouve? Quem desenha MAE como suas iniciais? Seu nome já não é fulana de tal. Seu nome é MAE.

Foi o que aprendeu sobre si. Quem sou eu pra dizer ao contrário?

(03/01/18 – dispensação de medicamentos)

vitória
A garganta aberta
Sufoca, esperta
Diz mais que eu consigo
Grita pra mim, meu grito súbito
De mal súbito, ela se foi.
Indigente quase passou.
Que gente um dia foi?
Ninguém.
(01/02/18 – mesmo caso do poema “Naturalismo”)

Esse lugar demarcado da atuação do farmacêutico provoca perdas na contribuição interdisciplinar dedicada a usuários/as, mas também na potencialização da prática profissional individual e coletiva. Marcada pela sua formação profissional, a diarista resiste em se tornar uma dispensadora de medicamentos, pois sabe que pode ser e fazer muito mais na Unidade de Saúde onde trabalhava, tanto no campo como em seu núcleo de atuação, seguindo a ideia proposta por Campos (2000). Essa delimitação disciplinar inibe a produção de uma outra clínica, outras práticas, outros fazeres que podem ser compartilhados, comuns, entre os profissionais no SUS. Descobertas registradas no seu diário, como um grito que toma forma nas letras. A subjetividade envolve os corpos, como na dança, e abre brechas nos protocolos e nas técnicas para uma singularização profissional e nos cuidados promovidos pelo serviço. Jamais podemos esquecer do alerta da diarista: “antes de ser uma profissional, sou humana”.

A prática profissional está em construção permanente e, como afirma Monceau (2015), é permeada pelas subjetividades e constituída pelo conjunto de atualização das implicações, que surgem em falas, escritos e atos.

A inquietação das práticas profissionais aparece na pesquisa de Damas (2016: 97) que, investigando as práticas do/as farmacêutico/as na atenção básica, surpreendeu-se em ter encontrado sujeitos que não se satisfaziam com a atuação burocrática e centrada apenas na dispensação de medicamentos, e que estavam “decididos a realizar práticas de cuidado e desejosos de se integrarem às equipes de saúde, preocupados em afirmar uma nova Farmácia em suas práticas”.

Considerações finais

O diário é um excelente instrumento de análise da vida institucional.

(HESS , 2006: 91)

É próprio da escrita diarística a diversidade de composições e formas, como vimos nos fragmentos apresentados. Cada um registrou a seu modo: estilo mais poético, utilização de gírias, composição com lembranças e músicas, inclusão de poemas, diagramação das letras e parágrafos, texto literário, etc. Esses elementos estéticos e de estilo enunciam algo da implicação, os pontos de partida, a formação ao longo da vida e ancoragem institucionais, dos autores, que merecem ser incluídos em suas análise dos processos institucionais.

A escrita nos diários permitiu parar para olhar de outro modo a prática profissional. Olhar de novo e escrever, olhar, pensar e escrever, essa forma de transferir o material do pensamento e apresentá-lo ao outro por meio de sinais gráficos. Dar-se conta dos limites, das fragilidades e potências presentes nos cotidianos, nas relações, nos corpos. Perceber o ainda não percebido.

A centralidade da produção do cuidado no usuário é uma questão que esteve presente na maioria dos diários, revelando questões importantes da vida institucional do cotidiano dos serviços de saúde no SUS, possibilitada pela escrita diarística.

Os seis diaristas não ficaram limitados ao relato do caminho para o sucesso, mas, pelo contrário, se aventuraram numa escrita crítico-analítica do seu trabalho, provocativa e potente. Foram palavras questionadoras do trabalho em serviços de saúde mental, atenção básica, formação em saúde, economia solidária e hospital, sem a pretensão prescritiva da direção a ser seguida, e todavia analítica das barreiras, das marcas nos corpos, da subjetivação produzida nas relações, que dão pistas aos leitores dos desafios enfrentados e dos potenciais a serem desenvolvidos.

Nos movimentos institucionais, os sujeitos estão envolvidos nos processos de conservação e transformação. Quando entramos em contato com uma produção diarística na qual os escritos revelam os mecanismos de funcionamento das instituições, fica evidente o potencial da análise de implicação para a singularização das práticas profissionais e para superar as capturas da normatização e reprodução de supostas práticas de sucesso.

Para os quatro autores, por sua vez, produzir este texto consistiu num momento extremamente rico e prazeroso, demonstrando que a escrita acadêmica não precisa

necessariamente se pautar por cânones rígidos e imutáveis. Ao contrário, ela pode conter elementos poéticos e caminhos mais livres e, sobretudo, mais leves.

Referências

- ABRAHÃO, Ana Lúcia. *Produção de subjetividade e gestão em saúde: cartografias da gerência*. 2004. 214f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.
- BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5ª ed. Belo Horizonte-MG: Instituto Felix Guattari, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade.: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979
- BRUM, Eliane. Memória é tanto lembrar quanto esquecer. *Revista Época*, 12/11/2012. Disponível em : <http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2012/11/memoria-e-tanto-lembrar-quanto-esquecer.html>.
- CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciênc Saúde Colet*. 2000 5 (2): 219-30.
- DAMAS, Francielly. *As práticas profissionais dos farmacêuticos nos serviços de atenção básica do Sistema Único de Saúde de Campinas, SP*. Dissertação (Mestrado), Universidade de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Fragmentos de diários de campo, escrita e devir texto. In.: CALLAI, Cristina; RIBETTO, Anelice. (Orgs.) *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016: 111-123.
- JESUS, Aideivaldo Fernandes. *O processo de institucionalização de um serviço de saúde mental em um município de pequeno porte: o caso de Paraisópolis/MG*. Campinas. (Doutorado em Saúde Coletiva) DSC/FCM/Unicamp. 2012.
- JESUS, Aideivaldo Fernandes; PEZZATO, Luciane Maria; ABRAHÃO Ana Lúcia. O uso do diário como ferramenta estratégica da análise institucional para abordar o cotidiano do profissional: o caso do *Dom Queixote*. In: L'ABBATE, Solange; MOURÃO, Lucia Cardoso; PEZZATO, Luciane Maria. (orgs). *Análise Institucional & Saúde Coletiva*. São Paulo (SP): Hucitec, 2013: 206-235.
- LOURAU, René. *Le journal de la recherche*. Matériaux d'une théorie de l'implication. Paris, Méridien Klincksieck, 1988.
- LOURAU, René. Uma técnica de análise das implicações: B. Malinowski, Diário de etnógrafo (1914-1918). In.: ALTOÉ, Sônia. (Org) *René Lourau*. Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004:259-283.

- LOURAU, René. Objeto e método da Análise Institucional. In.: ALTOÉ, Sônia. (Org.) *René Lourau. Analista Institucional em tempo integral*. São Paulo (SP): Hucitec, 2004a:66-86.
- MERHY, Emerson Elias. Um ensaio sobre o médico e suas valises tecnológicas: contribuições para compreender as reestruturações produtivas do setor Saúde. *Interface - Comunic, Saúde, Educ* 6, 2000:109-116.
- MONCEAU, Gilles. Como as instituições permeiam as práticas profissionais: socioclínica institucional e formação de professores. In.: PIMENTA, Sônia Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (orgs.) *Pesquisa em Educação*. v.1, São Paulo: Edições Loyola. 2008: 27-73.
- MONCEAU, Gilles. Implicação, sobreimplicação e implicação profissional. *Fractal Rev. de psicologia*. v.20, n.1, 2008a: 9-26.
- MONCEAU, Gilles. Técnicas socioclínicas para a análise institucional das práticas sociais. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, 2015: 197-217.
- MORIN, Edgar. *Diário da Califórnia*. São Paulo: Edições Sesc, 2012
- PEZZATO, Luciane Maria. *Encontros, instituições e sujeitos em análise: a alta pactuada em saúde bucal*. 2009. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2009.
- PEZZATO, Luciane Maria; L'ABBATE, Solange. O uso de diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. *Physis Rev Saúde Colet*. Rio de Janeiro, v. 21, n.4: 2011:1297-1314.
- UNO, Kuniichi. *Guattari: confrontações/conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

Solange L'Abbate
Profa. Associada (livre docente), aposentada, colaboradora voluntária do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas - Universidade Estadual de Campinas/Unicamp.
E-mail: slabbate@lexxa.com.br

Luciane Maria Pezzato
Docente do Eixo Trabalho em Saúde da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. Departamento de Saúde, Clínica e Instituições.
Doutora em Saúde Coletiva.

E-mail: lucianepezzato@gmail.com

Daniel Vannucci Dóbies
Doutorando em Saúde Coletiva na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de
Campinas.
Mestre em Saúde Coletiva.
E-mail: dvdob@yahoo.com.br

Carlos Botazzo
Professor Sênior, Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde
pública da Universidade de São Paulo
E-mail: botazzo@usp.br

¹ A partir de diários, Edgar Morin publicou: *O X da questão: o sujeito à flor da pele; O Diário de um livro; Diário da Califórnia; Um ano sísifo; Chorar, amar, rir compreender; Diário da China.*

² “Toda instituição compreende um movimento que a gera: o instituinte; um resultado: o instituído; e um processo: da institucionalização” (BAREMBLITT, 2002: 156).

³ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/540698/publicacao/15655553>

⁴ Retiramos o nome da estação para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos. Ao longo do texto, nomes de pessoas e localidades foram retirados com a mesma finalidade.